

VERSO e REVERSO

educando o educador

Curso por Correspondência para
capacitação de professores de
Educação Básica de Jovens e
Adultos.

10

MATERIAL DIDÁTICO

Sumário

Ministério da Educação - MEC
Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos - EDUCAR

10

MATERIAL DIDÁTICO

Curso por Correspondência para
capacitação de professores de
Educação Básica de Jovens e
Adultos.



Brasília, 1988

Impresso no Brasil/Printed in Brazil
© 1988 — Fundação EDUCAR
SCRN 702/703 — Bloco C — Loja 6 — CEP 70000 — Brasília — DF

Diretoria Técnica

Autoria:

Ana Maria Marques Soares

Supervisão:

Maria Núbia Barbosa Bonfim

Assessoria de Comunicação/Área de Textos e Editoração

Preparação de Texto:

Marilda Barroso Bottino e Rita de Cassia Martins Costa Brito

Programação Visual:

Silvio de Moura Dias

FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada pela Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos)

F981 Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos.
Material didático em programa de educação básica de jovens e adultos. 2.ed. Brasília, 1988.

33 p. 28 cm (Verso e Reverso - Educando o Educador, 10).

1. Educação de Adultos. 2. Material Didático. I. Título.
II. Série.

CDU:371.64/.69
CDD: 371.307.8

88 - 68

Sumário

| | |
|--|----|
| Apresentação..... | 5 |
| A Função do Material Didático | 7 |
| Material Nacional x Material Regionalizado..... | 9 |
| Livros Para Quê?..... | 11 |
| O que Indicam os Balões nas Histórias em Quadrinhos | 18 |
| A Produção de Material Didático para Programas de Educação de Jovens e Adultos | 22 |
| Planejamento..... | 22 |
| Produção Gráfica do Material | 26 |
| A Ideologia no Livro Didático | 30 |
| Recomendações Gerais | 31 |
| Bibliografia..... | 33 |

Apresentação *Material Didático*

O estudo desta unidade tem como principal objetivo refletir sobre o papel do material didático, em especial do livro didático, em propostas educativas com jovens e adultos.

A nossa reflexão caminha sobre aspectos que julgamos fundamentais serem analisados pelo professor, quando opta por este ou aquele material didático que, por conseguinte, expressa a sua opção de proposta educativa – princípios filosóficos e metodológicos.

Além disto, apresentamos aspectos básicos indispensáveis à construção de um material regionalizado, mencionando as vantagens e desvantagens da utilização, seja do material nacional, seja do material regionalizado.

Esperamos, professor, que a leitura desta unidade possa acrescentar elementos para sua reflexão quanto à função do material didático no interior de um programa voltado para jovens e adultos.

A Função do Material Didático

Em primeiro lugar, é preciso desmitificar a expressão *material didático*, ou antes, clarificar a função que tem no contexto educacional, mais especificamente no âmbito da educação de jovens e adultos.

Apesar de considerado – e freqüentemente utilizado – como o centro da ação educativa, como um fim em si mesmo, o material didático é um meio, um recurso, um instrumento de apoio com que podem contar professor e aluno no processo ensino-aprendizagem.

Visto desta forma, o material didático deve estar vinculado à proposta educativa que se pretende desenvolver e cujos princípios filosóficos e metodológicos, objetivos, conteúdos e métodos norteiam a concepção e elaboração do material.

Assim, nem todo material pode ser utilizado em programas com jovens e adultos, pois ele deve guardar estreita coerência com a

proposta e adequação aos distintos grupos ou entidades a que se destina.

É preciso cuidar, no entanto, para que sejam materiais de fato adequados às características e necessidades dos usuários – adolescentes e adultos – e lhes proporcionem elementos para ampliar e melhorar a capacidade para o trabalho, a participação efetiva na comunidade e as habilidades de reflexão crítica em relação às informações que recebem e à realidade que os cerca.

Convém atentar para a abrangência do termo material didático, que deve ir além do conceito de livro impresso. Se o material didático é apenas um entre os vários instrumentos presentes na ação educativa, alternativas tais como folhetos, cartazes, jornais, revistas, textos manuscritos, réalias, entre outros, podem e devem ser utilizados – sejam aqueles produzidos pelo próprio grupo, sejam os selecionados dentre os já

existentes –, de modo a facilitar e enriquecer o processo educativo.

Procure enriquecer suas aulas utilizando outros materiais, além do livro impresso, que você e seus alunos podem levar de casa.

Entendendo o processo educativo como uma ação dinâmica que se constrói e se reconstrói com os participantes e, sendo o material didático um dos recursos, é desejável que ele traga no seu interior uma carga de

motivação capaz de incentivá-los a agir e interagir na ação educativa.

Deve, assim, conter apelos à experiência e atuação dos usuários, caracterizando-se mais como um “material por armar” do que “um material armado”, sem deixar, contudo, de atentar para a necessidade de organização dos conteúdos.

Pense: Todo professor deve utilizar um material didático em sala? Em que medida essa utilização é necessária?

Material Nacional X Material Regionalizado

É fato que existe uma forte tendência em se multiplicar o uso de materiais educativos para adolescentes e adultos, como forma de se tentar superar as dificuldades geradas pelas condições sócio-econômicas desta população e melhorar as ações de alfabetização e pós-alfabetização. Esta tendência se caracteriza por uma preferência marcante pela produção e o uso de materiais impressos e pela sua massificação – principalmente do livro didático –, fazendo-os válidos para todo o País.

Se por um lado a massificação dos materiais se justifica, na maioria das vezes, por questões sócio-econômicas e técnicas, por outro, não podemos perder de vista as razões de cunho político e ideológico.

Assim sendo, um material único, construído para uso em âmbito nacional, é geralmente alvo de críticas, pelo fato de apontar,

segundo alguns autores, para um direcionamento do processo ensino-aprendizagem; por se apresentar fechado, sem a co-participação dos usuários na sua elaboração; por reproduzir, sobretudo, a ideologia da classe dominante, reduzindo, assim, as possibilidades de respeito à identidade cultural dos diferentes grupos populacionais.

Por outro lado, há autores considerando que um material de abrangência nacional não é uniformizador. Ele garante não a unidade e sim a identidade da mensagem, que ganhará sua “cor local” e adequação de acordo com o encaminhamento das ações desenvolvidas pelo professor.

A produção regionalizada fundamenta-se na diversidade geográfica e cultural verificada num país como o nosso, de dimensões continentais, o que determina

variadas realidades, interesses e necessidades.

**Diante deste quadro,
professor, que solução buscar?
Será o caminho a
regionalização?
Mas o que é regionalizar? Qual
o seu objetivo?
Quais os seus limites?**

Desta forma, o significado da expressão *regionalizar a produção de material didático* vai além da idéia de construir um material para determinada região geográfica do país. Tem a ver, acima de tudo, com a tendência de considerar o processo ensino-aprendizagem dialogal como uma construção pouco a pouco, com a participação do educando, construção essa que deve respeitar a cultura dos diferentes grupos populacionais.

É preciso, no entanto, não cair em extremos, adotar uma posição intermediária, equilibrada. Isto porque se por um lado a produção regionalizada pode mais eficazmente favorecer a incorporação da cultura local, por outro, ater-se exclusivamente ao conhecido, ao próximo, pode impedir o acesso do indivíduo a informações além daquelas que já possui naturalmente, o que só faria aumentar ainda mais as desigualdades sociais entre os grupos populacionais do nosso país.

Nessa perspectiva, deve um material, sim, partir do próximo, mas chegar ao distante; do concreto para o abstrato; partir do conhecido para chegar ao desconhecido; da cultura dominada para chegar à cultura dominante.

Quanto menos estruturados sejam os materiais, no sentido de permitir um amplo espaço de ação para o educando, maior será sua utilidade em termos de estimulá-lo a uma atitude de descoberta, análise e reflexão crítica sobre a problemática que observa em sua comunidade.

*Livros para quê?*¹

"Falar não salva o homem.
- Estás na outra
palavra do outro
perto e solto.

Falar não abre a porta
não abre a cela
não salva o foco
de tuas chagas.

Falar só salva, salvo
se o outro
do outro lado
fale por tua boca:
- a fala pouca
que te dissolve
a arma pura
desta amargura
que não resolve."²

"Uma revolução sem passeata

*"Um grito, um tambor, a fumaça branca
subindo aos céus... Centenas de anos –
quantas? – se passam e o homem começa a
registrar idéias, acontecimentos do dia-a-dia,
a vida de seus deuses e reis. E o tempo
continua se arrastando, minorias tendo
acesso a papiros e pergaminhos
caprichosamente desenhados com dourado a
dar mais valor. E a ampuleta continua a
deixar passar, lentamente, os grãos de areia
do tempo..."*

*"Um dia... de repente... Gutemberg. Uma
revolução tão importante que não foi
preciso desfraldar bandeiras, fazer passeatas
para dizer o quanto o era. Idéias de uns
chegam a muitos, e mais: perpetuam-se!
A areia parece que agora começa a passar
um pouco mais depressa pelo funil da*

¹ BLOIS, Marlene Montezi. Diretora da Divisão de Produção de Programas, do Centro de Tecnologias Educacionais da SEEC/RJ; autora de obras didáticas para professores e alunos.

² CHAMIE, Mário. Sábado na hora da escuta. São Paulo, Sumus, 1978.

ampuleta. E novos meios de comunicação surgem, modificando posturas solidificadas, principalmente as que dizem respeito à Escola e a resultados de aprendizagens sob sua responsabilidade. A comunicação, na forma que se apresenta, desempenha funções básicas em termos individuais. É através dela que, de certa forma, se dá uma padronização do mundo em que vive o indivíduo, orientando-o quanto a relações sociais e adaptação ao próprio meio.

“As comunicações, elemento dinâmico, vivo, nas sociedades modernas, aceleram-se cada vez mais. Resultados positivos podem ser apontados como consequência desta nova era – e ela mesma já o é da própria rapidez com que se dá a comunicação – como intercâmbio nos campos cultural, industrial, comercial e entre pessoas, com destaque ao diálogo maior entre diferentes grupos sociais. Problemas e indivíduos são colocados cara a cara, exigindo opiniões, posicionamentos, engajando cada pessoa na busca de soluções que antes se arrastavam molemente pelo tempo.

“Gutenberg e sua invenção onde ficam neste mundo de corridas, onde media invade lares, acompanha catástrofes, vira escola? Continuam, cremos, a manter o status de antes.

“O livro, que tem como função primeira comunicar idéias e realidades, valendo-se, basicamente, da palavra escrita, vai vencendo os anos, como um animal que, por mutações sucessivas, mas sem se descaracterizar, chega aos nossos dias, passando incólume pela máquina do tempo. É, sem dúvida, um meio de comunicação que transmite conhecimentos e leva entretenimento, cumprindo seu destino, eficientemente, seja em termos individuais, seja sob um prisma de

significação e conscientização social. Sua força – tanto formativa quanto informativa – se faz sentir, na valorização maior da palavra escrita.

O falar em tinta preta

“A palavra, que solta no ar se perde, veste-se de nobreza – e há toda uma tradição a vencer os anos e a chegar até nós – ao ser registrada no papel. E parece ser este valor intrínseco da própria palavra escrita que prevalece sobre qualquer outro que se venha levantar. São as elites que têm acesso aos livros. A literatura – expressão maior de uma língua – é a arte que se utiliza das palavras vestidas de tinta negra. E não há dúvida que o artista que as manipula estabelece, com o público, uma relação meio mítica – é o que sabe escrever de uma forma que só pouquíssimos sabem. E mais: as suas idéias podem chegar a outros, podem permanecer vivas, indo além da própria existência do seu criador. E parece ser esta dimensão de imortalidade que confere à palavra escrita um respeito, um endeusamento que encanta e ao mesmo tempo amedronta.

“Mesmo tendo que se admitir que o livro não guarda, nos nossos dias, a hegemonia da cultura e da informação, uma verdade permanece: ele dividiu com outros meios tal privilégio, mas não perdeu aquela posição de destaque, pois a nossa civilização ainda permanece com vínculos muito fortes com o código escrito.

*‘Falar só salva, salvo
se o outro
do outro lado
fale por tua boca’.*

“E este falar ‘por tua boca’ é a expressão plena da comunicação se processando, se

internalizando. E este 'falar', se grafado, pode ir longe, pode, mais ainda, permanecer em cada leitor. Assim o compromisso cultural de uma geração com outra se resolve, em grande parte, pelo que deixado escrito, memória de uma época, de sua gente, de suas conquistas, de seu progresso. Um arquivo a ser acionado pelas gerações seguintes, base do que virá a acontecer, visão pretérita do que foi.

"É bom lembrar que, diminuídos os índices de analfabetismo no mundo, mais pessoas passam a dilatar o grupo minoritário da então 'elite letrada'. A tinta preta das palavras na folha começa a se tornar mais clara para muitos que viviam, até então, de olhos vendados. As palavras, prisioneiras do texto, libertam-se ao estabelecer um vínculo de entendimento entre leitor/autor, nas ligações que propiciam com experiências evocadas, na amplitude do universo que oferecem.

"O 'consumo em massa de cultura', creio, começa a ser prática do nosso povo. E tal fato pode ser confirmado pela aquisição cada vez maior, não só dos tradicionais veículos que têm a palavra impressa como base – livros, jornais e revistas – como, também, dos veículos eletrônicos que associam a palavra oral a outros códigos, como o rádio e a televisão.

'A crença que ainda se espalha por aí de que o livro é objeto supérfluo por certo está bem mais próxima do fim ...

A massa ... diversificada

"Um poço sem fundo parece ser o acervo informativo e de conhecimentos desta nossa

época. Não que se considere que, em algum tempo da evolução do homem, tenha havido uma estagnação. Mas é que a atual explosão da informação tem um tal ritmo, uma tal abrangência de campos do conhecimento humano, uma rapidez incrível em sua divulgação (e conseqüente reelaboração e recriação) que vem forçando uma reconsideração da posição do livro. Seu uso se expande, vira um bem de consumo, mesmo que guardadas proporções diversas para os diferentes tipos de leitura que proporcione.

"O fato está nos quadros estatísticos: crescem as tiragens tanto de obras literárias (e não vale questionar suas qualidades), quanto de obras com fins didáticos.

"Os chamados livros-de-bolso – agora não só romances e novelas de consumo popular imediato, de leitura puramente linear, mas também obras imortais, como Os Lusíadas, a Filosofia de Platão e Sócrates, o Teatro Universal, José de Alencar, para citar apenas algumas – são exemplo vivo desta realidade. Baixa-se o preço de venda pela minimização dos custos de produção. E o livro segue por aí, nas mãos de muitos, soltando as palavras engaioladas em suas páginas.

"É preciso, no entanto, atentar para que, neste processo de massificação do livro, ele possa continuar a ser um instrumento valioso, no que tange à diversificação, que faz crescer o indivíduo, seja culturalmente, seja como um ser que apresenta características singulares. É como bem diz Cecília Meirelles³ :

*O vento é o mesmo:
mas a sua resposta é diferente em cada folha.*

³ MEIRELLES, Cecília. Poesias completas. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, MEC, 1973.

Saldo positivo para o livro

"As vantagens creditadas ao livro, no processo de desenvolvimento mental do homem, não têm sido alvo de polêmicas, ao que me parece. Assim, quando se afirma que a realidade lingüística, pela aquisição de um vocabulário mais amplo e de conhecimentos gramaticais e sintáticos, tende a se processar com mais dinamismo nos leitores; que o livro, vencendo espaço e tempo, proporciona conhecimentos de culturas de grupos diversos, o que dá ao homem uma dimensão maior da realidade física e social; que torna o leitor receptivo e ao mesmo tempo curioso, quanto às invenções no campo da ciência e aos avanços tecnológicos da humanidade, chegando a despertar vocações para a investigação e pesquisa; que o exercício da leitura leva a maior reflexão e, conseqüentemente, à crítica como postura de alto nível intelectual, está-se enumerando, sem se esgotar, algumas das principais vantagens do livro neste fabuloso processo que é o do conhecimento humano.

'O que há de maravilhoso no contato dos livros, ou pelo menos de bons livros, é que eles nos levam a prosseguir sempre, sentindo, confrontando, analisando e recompondo o mundo da cultura' (Lourenço Filho) O que mais há a dizer?

O livro didático

"Que o livro está em todas as salas de aula, seja fisicamente presente, seja através do conhecimento transmitido pela professora, mas assimilado a partir dele, não há dúvida. Se fizermos um retrospecto — até saudosista! — dos nossos tempos de escola,

vamos encontrar o livro como companheiro fiel de bancos escolares, desde a complexa aprendizagem de ler-e-escrever, até os cursos de pós-graduação, com bibliografia vasta e em diversas línguas.

"Das suas vantagens e da sua presença não temos dúvidas. Mas, e a sua utilização, a sua escolha, como se dão, guardada aqui a nossa preocupação em não ter o livro como mais um recurso didático divorciado, muitas vezes, de objetivos fixados, corpo estranho no processo ensino-aprendizagem e no da própria Comunicação?

"Se já se busca uma verdadeira abordagem científica do fenômeno da Educação, enfatizando-se aspectos materiais, como querem alguns, ou com atenção maior para o processo ensino-aprendizagem, como preconizam outros, o certo é que o livro, em ambos os casos, insere-se, não como acessório supérfluo, mas como elemento básico na formação integral do educando.

"Não se pode negar, no entanto, a existência de uma corrente de educadores que crê ser o uso do livro dispensável e até prejudicial sob certos aspectos, independente de série escolar e estágio de desenvolvimento do aluno (e talvez tal posição deite suas raízes em idéias de Dewey e dos que preconizam a chamada 'aprendizagem por descobertas'). Mas, a par de tal grupo minoritário, tem-se um outro mais numeroso que parece se pautar nas afirmativas de Crombach⁴ quando diz ao afirmar que uma pessoa se torna mais capaz de resolver seus problemas, na medida em que adquire, por meio de livros, mais conhecimentos: 'Uma avaliação cuidadosa do valor do conhecimento na aprendizagem

⁴ CROMBACH, L. J. et alii. Text materials in Modern education. Illinois, Urban University of Illinois, 1955.

criadora deve conduzir o educador ao aumento, e não à diminuição, da confiança depositada no livro-texto, como meio de instrução.

"Este grupo ainda deixa, basicamente, ao livro a missão de informar e transmitir conhecimentos, guardando para si tarefas como: a dinamização dos trabalhos escolares, a formação dos que estão sob sua responsabilidade docente, a sugestão de outros meios que possam ou suprir deficiências do livro adotado ou ir ao encontro de interesses específicos do aluno, num ir-além do texto. Buscam, assim, a partir de um ponto comum — o livro adotado — atingir a uma diversificação que, ao atender às diferenças individuais, torne o ensino, pelo menos neste ponto, mais democrático.

A filosofia implícita na escolha

"Se a atual situação em termos educacionais caminha, cada vez mais, para um sistema de planificação do Ensino, como conseqüência, de certa forma, dos problemas da comunicação de massa e da explosão de informações, não se pode negar que este novo posicionamento, ao descaracterizar o ensino como um produto artesanal, deu-lhe tratamento mais científico, com preocupações crescentes. A escola vira empresa; o fator produtividade é altamente relevante ao serem planejados cursos; o material didático entra na mesma linha de considerações econômicas. O livro não vai fugir a tal contexto. As vantagens administrativas de sua utilização são pesadas, da mesma forma que o são o seu valor como recurso informativo, cultural e até financeiro.

"É claro que nenhum professor, se pode indicar uma obra, escolherá aquela que não atenda

a seus próprios valores. A escola, por sua vez, procede da mesma forma: estabelece, a partir da política educacional vigente, padrões mentais e comportamentais, que espera sejam atingidos pelo grupo sob sua responsabilidade, e... busca alcançá-los, em parte, pelo uso que os alunos farão dos livros que selecionou.

"Nesta educação formal, de certa forma padronizada, o livro — e seus autores — passam a ter uma responsabilidade enorme para com o público de destino. Responsabilidade com a fidedignidade da informação emitida, com a seleção dos conhecimentos, pertinentes à realidade vivenciada pelo leitor e ao seu nível cultural, responsabilidade com as mensagens "subliminares" que, às vezes, resvalam pelas linhas escritas, mas que, em hora nenhuma, devem ser cerceadoras ou doutrinárias. O livro didático deve levar a aberturas de pensamento propiciando uma postura crítica diante de fatos e idéias emitidas, porque esta deve ser a posição da escola dos dias de hoje, pelo menos das que buscam transmitir a seus alunos princípios reais de democracia e de liberdade. É preciso propiciar oportunidades de praticá-las para que possam vir a acontecer.

O livro inserido no contexto

"E porque deve ser parte da realidade espaço-temporal em que se insere, o livro didático precisa trazer para si e em si esta mesma realidade, seja sob forma de informações, seja espelhando e sendo produto das conquistas tecnológicas do qual é contemporâneo.

"Assim, de acordo com a sua natureza e fim, o livro enche-se de fotos, completadas ou suplementadas pelo texto; colore-se; busca os

recursos dinâmicos da história em quadrinhos e do cartum, utilizando-se de linguagens não mais apenas verbais, ensinando, assim, oportunidades de contato entre elas e o aluno-leitor; mapas e gráficos mostram a realidade visualmente.

"Os livros didáticos de há vinte anos e os de hoje – quanta diferença! Diferença quanto a aspectos editoriais, seja diagramação, paginação, produção gráfica e seus imensos recursos. Diferença na abordagem didática dos assuntos tratados, na maneira de fazer chegar ao aluno determinados conteúdos. E comparar, mesmo que o ponto referencial esteja meio apagado na memória, os livros dos nossos cursos primário/ginásial e os do 1.º grau de agora – que diferença!

Cartilha – o marco da caminhada

"As cartilhas ou livros de ensinar as primeiras letras sofreram transformações substanciais nos dois aspectos que acabamos de enfatizar. Há, no entanto, uma preocupação, antes de tudo, afetiva: que o primeiro livro de estudo da criança seja agradável, bonito, alegre! E esta impressão primeira é fundamental para que se estabeleça um elo positivo na aprendizagem mais do que complexa da leitura e da escrita. É hora de introduzir a criança no mundo altamente abstrato do código escrito, de instrumentalizá-la para viver melhor e se tornar plenamente participante do grupo social de que faz parte. A cartilha é, portanto, recurso fundamental para aquisições no campo cognitivo, tendo a impulsioná-las fatores de natureza afetiva.

"Os livros de ensinar as primeiras letras são peças-chave no processo ensino-aprendizagem. Exigem técnica específica que envolve

conhecimentos de lingüística, fonética e fonologia, ortografia, morfossintaxe, além de embasamento de psicologia evolutiva da criança, teorias da aprendizagem e conseqüente posicionamento didático.

É preciso, ainda, que o seu autor conheça a realidade social e a filosofia que norteia a política de educação do sistema vigente, sem o que a cartilha, não atendendo a um e a outro, estará fadada a perder-se no tempo e no espaço, sem retorno efetivo.

"Há que se considerar ainda que, em países emergentes, como o Brasil, o tempo é fator preponderante no alcance do desenvolvimento, pois é preciso queimar etapas, sem perda de qualidade, na tentativa de reduzir a diferença existente, em termos de educação, entre nós e as nações desenvolvidas. Sendo a alfabetização o marco inicial da caminhada, entendo que os bons livros que a ela se destinam devam ter apoio e estímulo governamentais bastante agressivos, sem o que os demais investimentos tenderão a capengar por falta de atendimento ao vazio que permanece na base.

O susto do Cebolinha



‘Leia a historinha:

Cebolinha está na lagoa.

O sapo pula no pé do menino.

O menino está com medo.

Ele está de cabelo em pé!

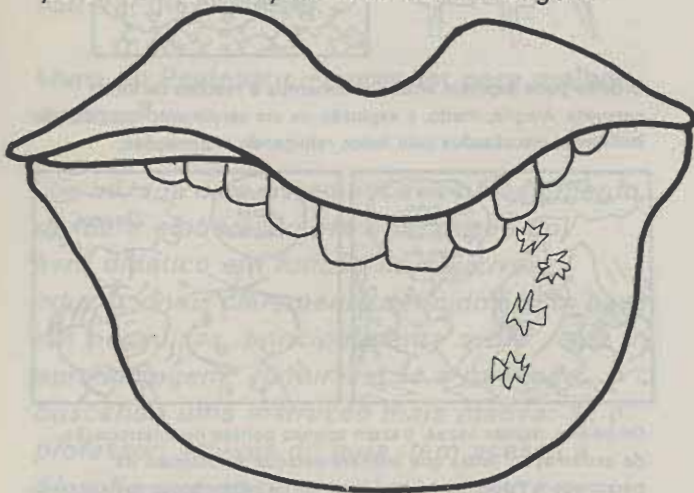
Cebolinha escuta o sapo:

– Ah! Ah! Ah!

"Cartilha – o início da caminhada⁵.

Livro atraente para o 1º e 2º Grau

"Mas as transformações apontadas não ficaram restritas aos livros dedicados aos primeiros passos da aprendizagem da leitura/escrita. Independente de área de estudo ou de disciplina, os livros para o 1º e 2º grau são, em geral, também atraentes, ricos em ilustrações, apresentando linguagem algumas vezes quase coloquial, o que contribui para diminuir a distância entre leitor/autor, pela melhor compreensão da mensagem.

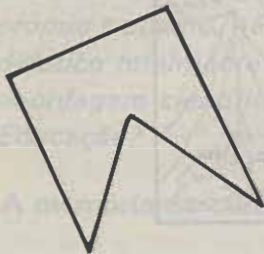


IRENE

Caetano Veloso
(LP Phillips, R 765.086 L, lado 1,
1ª faixa)

Eu quero ir, minha gente,
Eu não sou daqui.
Eu não tenho nada.
Quero ver Irene rir.
Quero ver Irene dar sua risada.

Irene ri, Irene ri,
Irene...
Irene ri, Irene ri,
Irene...
Quero ver Irene dar sua risada.



"Texto e ilustração não-convencionais no livro didático de Comunicação e Expressão⁶.

"Valendo-se de recursos gráficos os mais variados, os responsáveis pela produção editorial do livro não só buscam a valorização da obra, como também contribuem, de forma indireta, para o desenvolvimento do senso estético do aluno.



Na estação, a sineta anunciou que um trem partira da localidade mais próxima.



Belinha agradeceu secamente, o chapéu-coco descobriu um cabelo grisalho, cumprimentando, afastando-se.



Entrei no arraial com descargas rumorosas do motor, provocando a atenção das pessoas que banzavam às portas ou se encaminhavam para a plataforma.

"Paginação atraente, ilustrações de bom nível nos livros de hoje⁷.

Guias para o professor – um capítulo à parte

"E para que possa ser melhor 'compreendido' e usado pelo professor, o livro-texto para o alunos faz-se acompanhar de manuais ou guias

⁵ BLOIS, Marlene & LEOBONS, Solange. Cartilha da Mônica. São Paulo, Abril, 1977. il.

⁶ RODRIGUES, A. N. & PAULA, A. Z. Tempo de Comunicação. São Paulo, Abril, 1973.

⁷ CHEDIAK, A. J. & MACEDO, W. E. Hora de aprender, 5. Rio de Janeiro, Bloch, 1974.

que, algumas vezes, além de transmitir conhecimentos específicos sobre determinados assuntos, se apresentam como um curso informal de didática, tal a riqueza de diretrizes e sugestões de procedimentos pedagógicos que emitem.

“Um guia, no entanto, não deve, em hora nenhuma, aprisionar a ação docente a passos prefixados para a utilização do livro-texto. Tanto mais útil será, quanto, a partir de caminhos sugeridos, deixar a criatividade do professor dar vôos altos, adequando as atividades apresentadas ao grupo de alunos com que trabalha e a sua própria personalidade.

O que Indicam os Balões nas Histórias em Quadrinhos

“Embora sendo fator de peso nas HQ, a palavra permanece quase que exclusivamente presa nos balões.

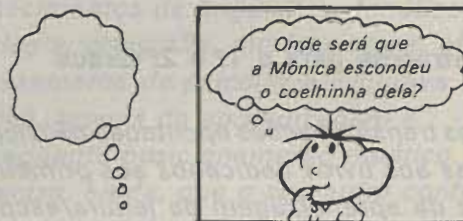
O balão é marca das HQ, indicando o diálogo que se desenvolve entre as personagens, isto é, o discurso direto da narrativa maior. Mas a ele não é dada apenas esta função, pois não podemos esquecer que sua forma e posição no quadrinho visam à comunicação visual que deve se estabelecer com o leitor.

A forma dos balões é convencionalizada, sendo respeitada pelos desenhistas, o que não impede a criação de formas facilmente decifráveis. Os balões básicos são:

- o balão que reproduz a conversa entre as personagens:



- o balão que traz ao leitor o que a personagem pensa ou sonha:



Às vezes um só balão reproduz a fala única dita ao mesmo tempo por diferentes personagens:



O balão pode exprimir, ainda, sentimentos e reações de forma concreta. Alegria, medo, a explosão de um sentimento contido são facilmente visualizados pelo leitor, reforçando informações:



Os balões, muitas vezes, trazem apenas pontos de interrogação, de exclamação, letras que indicam estados emocionais da personagem. Podem também se revestir de valor onomatopaico, como é o caso da representação gráfica do sono, da gargalhada, etc.:



“Os guias, em geral, especificam objetivos e indicam bibliografias, que permitem ao professor aprofundar-se em assuntos abordados, dando-lhe mais segurança e embasamento. É que a comunicação a ser estabelecida a partir da leitura do livro, seja ele de que natureza for, não deve sofrer

quebra ou permanecer aí estagnada. Deve abrir portas e novas idéias, a outras iniciativas, à criatividade. E é esta comunicação que se estabelece a partir da linguagem escrita – com todo o seu rigor e convencionalismo, guardando tradições e sendo ela própria guardiã, de certa forma, do legado lingüístico de um povo que vai impulsionar a pesquisa, levando o leitor para além das idéias, fatos e emoções que chegam até ele corporificados pelo código escrito. Os guias ou manuais, vistos por este ângulo, vão contribuir, certamente, para o crescimento profissional e cultural do professor.

Livro do Professor – aprender para melhor ensinar⁸

“Se há toda uma sistemática de planejamento, desde a elaboração até a produção do livro didático em função de objetivos educacionais claramente definidos, com base em pesquisas, principalmente sobre aprendizagem, comunicação e mercado, buscando uma instrução mais efetiva; se o professor, através do guia, tem acesso à filosofia que norteou a obra e à parte pedagógica deste mesmo planejamento, podendo aplicá-la e adequá-la às metas de seu próprio trabalho, não estará o livro didático totalmente em acordo com uma abordagem científica do fenômeno da Educação?”

A memória da cultura

“Há ainda um ponto que vale a pena tocar: o de que cada indivíduo não tem condições de possuir todos os livros necessários à sua formação, interesse e entretenimento.

Partindo-se desta afirmativa, há que se considerar a importância das bibliotecas na formação maior do indivíduo e na sua auto-educação.

“No Boletim do SNEL⁹, tal problemática é enfocada, quando se lê:

‘Admite-se que as crianças devem ter livros-textos, mas é preciso ser muito paciente e persuasivo para demonstrar que as bibliotecas públicas e escolares e os livros de leituras complementares são indispensáveis, se o país quer encorajar a menos onerosa das formas de Educação – a auto-educação. Do mesmo modo, ainda que os políticos se declarem favoráveis às campanhas de alfabetização em seus discursos, poucos dentre eles parecem compreender que os neo-alfabetizados esquecerão rapidamente tudo aquilo que aprenderam, se não puderem contar com material de leitura. E os sistemas de ensino não convencional (noção cara aos políticos) são inúteis se não fornecermos o material educacional necessário a esse tipo de ensino especializado e pouco dispendioso’.

“As bibliotecas são focos democráticos de difusão de cultura, indispensáveis em qualquer estrutura que pretenda fazê-la chegar a muitos. Livros, idéias, autores se tornam conhecidos, divulgados, próximos do grupo de leitores interessados. Todos têm iguais oportunidades, limitadas, apenas, pelas condições pessoais de cada um (nível de desenvolvimento de leitura, bagagem de experiências, interesses próprios). Falta, apenas, ampliar seus horários de atendimento ao público, divulgarem seu acervo e dinamizar suas atividades, principalmente, junto ao

⁸ BLOIS, Marlene & LEOBONS, Solange. Cartilha da Mônica; livro do professor. São Paulo, Abril, 1977. il.

⁹ Boletim SNEL (Comunicação, Rio, ano 7 (27), 1978).

escolar, formando neles o hábito de procurá-las, informando-o de 'onde-achar-o-quê'.

"As bibliotecas são, sem dúvida, a memória da cultura sem fronteiras. E aí está um ponto a pensar sem paixões bairristas, posição cosmopolita por excelência. É o legado de gerações e de diferentes povos aberto ao homem do aqui-e-do-agora. E este fato, por si só, leva a uma reflexão maior: o respeito que nos merece, a perplexidade do acervo, a capacidade inesgotável do homem e... o poder da palavra escrita, sem a qual tanta coisa se teria esfumado no tempo.

"É preciso que a Escola leve o educando a pensar sobre tais fatos, para que possa saber usufruir de um recurso que está a seu alcance – a biblioteca, seja a escolar, seja a de alcance público – extensão de sua ação junto ao aluno.

O livro no amanhã

"O hoje, em termos de livro didático, estamos vendo e vivendo. Mas qual o futuro que o aguarda? Como sobreviverá à era cibernética, à profusão de meios de comunicação, dos nossos tempos? Qual será o leitor de amanhã, ele que é produto de uma geração que vive a comunicação oral?

"Os futurólogos, que garantiram a queda do livro com o surgimento da televisão e sua rápida popularidade, parece que se enganaram em suas previsões. O livro continua em franca expansão, com grandes tiragens, como já vimos. Se alguns formatos novos surgiram, as inovações vieram por conta de teorias da aprendizagem formuladas,

dando origem, por exemplo, a obras sob a forma de instrução programada.

"O que se vê é o enriquecimento do livro ao se utilizar de outros materiais para fins didáticos, ampliando suas possibilidades de comunicação e de informação. Slides, fitas cassetes, discos, parecem ser os mais freqüentemente usados neste esquema.

"Numa posição inversa, o livro – em geral sob a forma de fascículos seriados ou de módulos – serve de apoio a programas instrutivos via rádio, TV e videocassete, garantindo a consulta após a emissão da aula, deixando com o aluno recursos próprios aos materiais impressos.

"É provável, também, que, mais adiante, máquinas diversas se utilizem da palavra grafada para fins educativos, como já o fazem as já nossas conhecidas máquinas de ensinar (Skinner), seja na formulação de situações-problema, seja na avaliação da aprendizagem, de forma previamente programada. Em ambos os casos, pelo menos até agora, nem a figura do professor nem o material impresso haviam sido dispensados do processo ensino-aprendizagem, o que faz antever que o lugar de ambos está garantido.

"Mas um ponto parece claro neste hoje que tenta captar o amanhã: a permanência da palavra escrita, sua força carismática, sua valorização. E o livro com ela indo à escola, seja a de porta-e-janela, seja a escola-função; divertindo; ampliando horizontes, não assimiláveis somente pela experiência direta; atualizando; dando ao leitor uma compreensão maior de si, do mundo e do outro. O livro que, guardando as conquistas de gerações e gerações, permite que o

homem continue em sua marcha evolutiva,
esta sim, não previsível.

'Falar só salva, salvo
se outro

do outro lado
fale por tua boca'

"E o livro continuará a falar pela boca e idéias
dos seus leitores em número cada vez mais
crescente. E nós pela de Camões que, por volta
do terceiro quartel do século XVI, escreveu:

'E para dizer tudo, temo e creio
Que qualquer longo tempo curto seja'¹⁰."

¹⁰ CAMÕES, Luís de. Os Lusíadas, 12ª ed. São Paulo, Melhoramentos, n. p.

A Produção de Material Didático para Programas de Educação de Jovens e Adultos¹¹

Planejamento

O primeiro passo para produzir o material didático – no caso, material escrito como livro, folheto, apostila, etc. – é realizar o planejamento da produção.

Este planejamento deve levar em conta os seguintes pontos:

Objetivos/Metodologia/Conteúdo

Para se elaborar um material didático, definir seus próprios conteúdos bem como a maneira de desenvolvê-los é necessário, entre outros

procedimentos, conhecer a ação educativa a que ele se destina.

Assim, todo material didático produzido deverá *atender aos objetivos do projeto de educação de adultos no qual ele está inserido.*

Esta necessidade de tomar os objetivos do projeto como ponto de partida para a elaboração do material *implicará uma reflexão/discussão prévia sobre estes objetivos*, o que resultará na própria discussão sobre a proposta educativa que estiver gerando a necessidade de produção do material.

Em resumo, tal discussão deverá procurar responder a perguntas, como:

¹¹ Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização. A produção regionalizada de material didático em programas de educação de jovens e adultos. Rio de Janeiro, 1984.

- A que *resultados* se espera chegar, no processo educativo, junto à clientela a ser beneficiada pelo projeto?

- *Como* deve ser o material, para que se consiga chegar a estes resultados?

Todo material didático produzido deverá *estar de acordo com a metodologia do projeto*, ou seja, com a forma pela qual são desenvolvidos os conteúdos do projeto de educação de adultos em questão.

Dentro da área selecionada se elegem os temas de maior significação para os adultos da região onde será utilizado o material, o qual será elaborado em resposta às necessidades, situações e expectativas detectadas num processo de investigação.

Uma vez escolhido o tema, se elabora o objetivo geral e se formulam os objetivos específicos em termos de resultados, de tal forma que a série de folhetos ou de livros componha um todo, uma unidade centrada no homem dentro de sua realidade.

No processo de elaboração do material é muito importante a linguagem, de acordo com a clientela. Assim, deve-se atentar para alguns pontos:

- estilo claro, direto e coloquial;
- frases e parágrafos curtos;
- orações precisas (não mais palavras do que o necessário);
- verbos em forma ativa e ordem direta; e
- moderação no uso de adjetivos e juízo de valor.

Vocabulário

Quanto ao vocabulário, é fundamental que esteja no nível do aluno, para que ele seja capaz de ler e entender o que está escrito.

Assim, o vocabulário é elemento facilitador da compreensão dos conteúdos, quando:

- apresenta-se simples, familiar ao leitor;
- os termos novos ou técnicos apresentam explicação ou exemplos necessários ao seu entendimento. Esses termos devem ser incluídos progressivamente;
- as palavras novas são repetidas em diversas situações para facilitar a fixação; e
- os termos difíceis são evitados, pois dificultam a compreensão.

Temas

O material didático deverá abranger o conteúdo já estabelecido no projeto (e, como visto no item *Objetivos/ Metodologia/ Conteúdo*, resultante de uma reflexão/discussão sobre a proposta educativa geradora do material).

O conteúdo deverá sempre incluir elementos da realidade dos alunos e levá-los, através de mecanismos apropriados (textos, ilustrações e atividades), a refletirem e discutirem sobre o contexto em que vivem.

População-alvo

A produção do material deve ser realizada *de acordo com as condições sócio-econômico-culturais da comunidade e com o número de pessoas para as quais o material for produzido*.

A comunidade a que se destinar o material tanto poderá ser a de uma unidade geopolítica (por exemplo, um estado ou município), como a de um segmento social definido por uma característica sócio-econômica ou cultural comum (por exemplo, a comunidade dos seringueiros, na Amazônia, ou dos pescadores, no Nordeste).

A quantidade de pessoas a serem beneficiadas com o material determinará o tipo de publicação a ser adotada (uma população-alvo numerosa obrigará a uma tiragem elevada, o que, conseqüentemente, exigirá uma publicação tipo livro, produzida em gráfica; uma população menor permitirá uma tiragem reduzida, o que recomendará uma publicação mais simples, do tipo apostila, a ser mimeografada).

Para tanto, o planejamento deverá prever, *como etapa inicial da produção regionalizada de material didático*, a investigação sobre a realidade sócio-econômico-cultural da população-alvo, procurando conhecer melhor *sua linguagem; suas formas de organização familiar, de trabalho; suas condições de saúde, alimentação e habitação; suas formas de lazer; suas representações sociais; seus costumes, hábitos; os aspectos da cultura local, no campo do artesanato, da música, da literatura, etc.*

Estes elementos deverão servir de base para o desenvolvimento dos conteúdos instrucionais.

Custos

Para a produção do material, deve-se ter sempre em vista os seus custos, que são variáveis.

Os custos dependerão do tipo de publicação (por exemplo: um livro é mais caro que uma apostila); do tipo de papel (o de jornal é mais barato); da existência ou não de ilustrações, bem como o número e as cores delas (menor nº de ilustrações, em preto e branco, naturalmente sairá mais em conta que muitas ilustrações em cores); da forma de composição e impressão (a preparação do texto final em datilografia e impressão em mimeógrafo), adequadas para pequenas tiragens – 500 exemplares, por exemplo – sai mais barato. (Para as grandes tiragens, recomenda-se a fotocomposição e a impressão gráfica.)

Os custos de qualquer publicação também dependem da tiragem. Quanto maior a tiragem, menor o custo unitário proporcional.

Grupo de Produção

Para a preparação dos originais (textos e ilustrações), deve ser constituído um grupo de pessoas interessadas na realização do trabalho.

De preferência, estas pessoas serão aquelas que estejam ligadas, direta ou indiretamente, ao projeto a que o material se destinar. Além disso, *elas deverão estar familiarizadas com a realidade da clientela.*

Do grupo de produção deverão fazer parte, *necessariamente*, pelo menos *um especialista no conteúdo* (professor, alfabetizador, etc.), *um redator* (que poderá ser o próprio professor, conhecedor do assunto), *um datilógrafo* (que poderá ser qualquer pessoa do grupo) e *uma pessoa com habilidade para fazer as ilustrações* (que também poderá ser qualquer das pessoas da equipe).

Para a composição e impressão de grandes tiragens, será preciso contar com os serviços de uma gráfica. Mas, no caso do material vir a ser produzido através de mimeógrafo, a própria equipe que elabora os originais poderá executar as operações de produção gráfica do material (preparação dos estênceis, reprodução das cópias, montagem dos exemplares).

Da mesma forma, a diagramação (arrumação dos textos e ilustrações nas páginas) poderá ser feita por uma ou mais pessoas do grupo, aproveitando os exemplos de outros materiais ou contando com o auxílio de profissional do lugar, que possa ajudar neste trabalho.

Etapas de Produção

Formado o grupo de produção, será necessário organizar o trabalho por etapas, que poderão ser definidas do seguinte modo:

1. Investigação participativa (com o envolvimento direto das próprias pessoas da comunidade) sobre o universo cultural da população abrangida (verificação das formas de organização familiar e comunitária, das formas de trabalho, das condições de saúde, alimentação e habitação, das formas de lazer, das representações sociais, dos costumes, hábitos, etc.).

2. Organização das informações obtidas, seleção dos elementos de linguagem (palavras, expressões, frases), mais apropriados ao material a ser produzido, e determinação dos conteúdos do material, com base na compatibilização entre os conteúdos levantados na comunidade e os conteúdos instrucionais, propriamente ditos.

3. Elaboração dos originais.

4. Revisão dos originais.

5. Datilografia dos originais (que terá de ser em folha com gabarito, se o material for composto e impresso em gráfica).

6. Revisão dos originais datilografados.

7. Composição dos originais para impressão.

8. Revisão dos originais já compostos (*provas*).

9. Impressão dos originais.

No caso do material ser mimeografado, caberá à própria equipe de produção realizar as etapas 7, 8 e 9 que, neste caso, incluirão:

- datilografia dos estênceis;
- desenho, a bico de pena, das ilustrações nos estênceis;
- revisão dos estênceis datilografados e desenhados;
- rodagem das cópias;
- montagem dos exemplares.

Sendo o material composto e impresso em gráfica, as etapas 7, 8 e 9 correrão por conta dela.

Em qualquer situação, no entanto, sempre será útil contar com o auxílio de profissionais ou pessoas da comunidade que tenham alguma prática nestes serviços. De qualquer forma é *fundamental* que esses elementos estejam em contato com a população, ou, se possível, sejam integrantes dessa população.

Num trabalho dessa natureza, é indispensável a consulta tanto a publicações sobre o assunto, como a pessoas e entidades ligadas, de um modo ou de outro, à produção de publicações e, em especial, de material didático – no caso, voltado para a educação de adultos.

Assim, convém verificar as publicações técnicas sobre o assunto – manuais de editoração, dicionários de artes gráficas, etc. – que estejam à mão ou que possam ser obtidos junto a bibliotecas, a pessoas da comunidade, etc.

Será de grande utilidade, também, o aproveitamento de toda e qualquer publicação didática de natureza popular, que tenha a mesma finalidade do material a ser produzido.

Acompanhamento e Avaliação

Com o objetivo de verificar a eficiência do material e promover futuras reformulações para o seu aperfeiçoamento, será preciso estabelecer as formas de acompanhamento e avaliação deste material. As ilustrações e seu tratamento gráfico deverão também ser objeto de avaliação.

De preferência, o acompanhamento e avaliação serão feitos pelos próprios elaboradores do material, pelos aplicadores dele (professores, técnicos educacionais), ou por instituições da própria comunidade.

Para facilitar estas atividades, poderá ser criado um instrumental que vise a apurar os pontos positivos e negativos do material.

Também ao final das próprias obras, poderá ser inserido, por exemplo, um questionário,

para que aluno e professor dêem sua opinião sobre elas.

Finalmente, recomendaríamos que o processo de avaliação se iniciasse antes mesmo da impressão (pré-testagem) o que permitirá que, baseado nessa pré-avaliação, correções sejam feitas, proporcionando, como já foi dito, um material mais adequado aos objetivos instrucionais e às características da clientela.

Produção Gráfica do Material

Após serem estabelecidos os objetivos do projeto e levadas em conta as características da clientela, são tomadas decisões em nível da produção propriamente dita. Nessa fase são analisados os fatores relacionados com o processo industrial/artesanal da produção gráfica desses materiais.

Os seguintes aspectos deverão ser considerados:

1. Escolha do tipo de publicação

São tipos mais comuns:

- livro (publicação de mais de 48 páginas);
- folheto (publicação com um mínimo de 5 e um máximo de 48 páginas);
- apostila (publicação geralmente *datilografada e mimeografada*).

Como já visto, os outros tipos de materiais a serem produzidos/utilizados (cartazes, fichas, cartões, etc.) dependerão das finalidades do projeto, ficando a critério dos responsáveis por ele, que poderão, inclusive, *optar por produzirem tais materiais de comum acordo*

com os próprios alunos, num processo participativo que certamente imprimirá um caráter bastante dinâmico ao curso desenvolvido.

A produção de textos, aproveitando os elementos da cultura local (como, por exemplo, a literatura de cordel), poderá ser feita em simples conjuntos de folhas de papel, que dispensarão até mesmo a montagem em volumes.

2. Formato

Para cartilha, podem ser adotadas as medidas de 21 cm de largura por 23 cm de altura. Este tamanho pode ser determinado para outros materiais como manuais e livros de exercícios.

Hoje, a tendência é produzir os materiais didáticos no formato A4 – 21cm de largura por 29,7 cm de altura – o que facilita a disposição dos elementos da publicação (textos e ilustrações), permitindo menor número de páginas, maior tamanho das letras e espaçamento das linhas, etc.

No caso das folhas de papel para impressão, os formatos mais comuns são os de 76cm de largura x 112cm; 66cm x 96cm; 87cm x 114cm; e 76cm x 96cm.

3. Tipo de papel

A escolha do tipo de papel vai se basear no processo de impressão (e conseqüentemente nos recursos financeiros disponíveis) e nas características da publicação.

O tipo de papel escolhido vai interferir também nos fatores de aparência e durabilidade do material.

Assim, embora de qualidade um pouco inferior aos outros tipos de papel usados para impressão, recomenda-se o uso do *papel-jornal* que, além de *ser leve, tem baixo custo, seca mais rapidamente e apresenta outras vantagens de produção*. Pode ser usado tanto em livros, como em folhetos, apostilas, pequenos conjuntos de folhas, etc.

Deve-se, no entanto, considerar que este é um tipo de papel frágil, que, com o tempo, vai ficando amarelado. Além disso, é um pouco mais espesso que os demais.

Muito usado na impressão de livros é também o papel *bufon, leve e fofo*.

4. Número de páginas

O número de páginas deverá ser cuidadosamente planejado de forma que haja espaço suficiente para os conteúdos previstos e não ocorra, por outro lado, um desperdício de papel.

O ideal é produzir um material pouco volumoso, o que certamente se consegue com um formato tipo A4, que contribui para reduzir o número de páginas.

Em qualquer situação, e considerando a clientela que normalmente é atendida, convém que o material produzido *não ultrapasse muito as 100 páginas*.

5. Estrutura da página

A decisão sobre como distribuir a área impressa na página vai, entre outros fatores, determinar o seu margem. As margens devem ser *amplas, para que o leitor não cubra as letras ao segurar a página*. As

margens do centro não podem ter menos que 1,5cm, em virtude da necessidade de encadernação do material.

Outro elemento a considerar é a construção do texto em colunas. No caso dos livros didáticos, técnicos, etc., o texto costuma ser construído em apenas uma coluna, com um máximo de 10 palavras por linha.

Dois fatores, também importantes, são o *entrelinhamento* e o *espaço entre as letras*. Esses elementos vão ser determinados em função do *tipo e tamanho das letras*. É necessário que o material apresente boa legibilidade, razão pela qual convém que as linhas e letras guardem boa distância entre si.

A questão da *diagramação* (disposição dos textos e ilustrações na página) é igualmente fundamental.

Com referência a esta questão, embora muitas considerações devam ser feitas, o essencial é levar em conta que, dada a nossa clientela, sempre será necessário *evitar o acúmulo de textos e ilustrações*.

A relação ilustração-texto é um fator também importante na disposição dos textos e ilustrações na página e que vai interferir na compreensão das mensagens contidas no texto, embora não percebamos isso conscientemente ao utilizarmos um material.

Uma ilustração relacionada com um determinado texto deve vir na mesma página que este último e de preferência agrupados num mesmo bloco visual.

O título deve vir destacado e sua escolha deve recair sobre algo sugestivo que desperte

para a leitura do material e reflita o conteúdo do texto.

6. Ilustração

As ilustrações, pela sua expressividade e caráter motivador, constituem um elemento didático importante, a ser incluído no material.

Podem ser recursos eficazes para reter o interesse se não forem excessivas, mas colocadas de forma equilibrada no texto.

Ainda em relação às ilustrações, é importante destacar que:

- o seu conteúdo deve estar relacionado com a vida e o interesse do leitor. Os elementos familiares apresentados de modo inconfundível aumentam a compreensibilidade da ilustração. Uma representação gráfica satisfatória não tem detalhes desnecessários – aumentam o risco de interpretação ambígua e, conseqüentemente, sua compreensão – ou supressão excessiva deles;
- devem ser tão realistas quanto possível, evitando abstração;
- devem ser sensíveis, claras, expressivas, em quantidade e tamanho adequados. É provável que, quanto maior, mais atraia a atenção. No entanto, a qualidade de atrair não aumenta em relação matemática com o tamanho;
- elas devem facilitar a interpretação/compreensão do conteúdo do texto que acompanham; bem distribuídas e situadas/colocadas de maneira que não interrompam a continuidade do texto;
- os títulos e legendas podem aumentar o poder de comunicação das ilustrações. As

legendas servem, em geral, para acrescentar a informação que é difícil de identificar graficamente. Sem dúvida, elas não deveriam ser usadas para explicar as ilustrações, e sim, para generalizar, relacionar e ampliar-lhes o significado;

- sua beleza deve estar subordinada ao valor pedagógico;
- não devem conter mensagem tendenciosa (preconceito de cor, religião, idade, sexo, nacionalidade, situação econômica, realidade cultural, etc., supervalorização de uma determinada ideologia – política, por exemplo – ou realidade – urbana, por exemplo, etc.).

7. Acabamento

O acabamento diz respeito à construção do volume impresso (arrumação das folhas impressas, em cadernos, e dos cadernos entre si).

Liga-se ao número de páginas. Até 48 páginas, os cadernos (formados de 4 páginas, ou *1 folha dobrada em duas, formando 4 páginas*) são grampeados em canoa; em publicações de mais de 48 páginas, utiliza-se lombada onde os cadernos, após costurados uns nos outros, são colados.

8. Capas

Em materiais como livros, folhetos, etc., convém incluir uma capa que, na condição de revestimento externo do material, assegura a sua durabilidade.

Em relação à capa, de modo geral, pode ser *flexível* ou *rígida*.

O primeiro tipo (de cartolina) sai mais em conta, quanto ao custo. Em alguns casos, ela poderá ser até de papel.

Em publicações mais simples, feitas durante o desenvolvimento do próprio projeto (como pequenos conjuntos de folhas, usados, por exemplo, para reproduzir conteúdos surgidos no grupo), pode-se pensar até em não utilizar capa.

9. Tipologia

A determinação do(s) tipo(s) de letra é fundamental para a *legibilidade* da parte escrita do material.

O *desenho* e o *tamanho* (corpo) da letra, classificados em *famílias*, devem ser adotados de acordo com a clientela do projeto. Um leitor com pouca prática de leitura necessitará de um corpo de letra maior (assim como o entrelinhamento, espaço entre letras também maior).

Considerando a clientela dos Programas de Educação Básica de Jovens e Adultos convém utilizar, mesmo que isto signifique maior número de linhas e páginas, um corpo maior – 14, 16, 18 – conforme as partes do livro.

Dentro da obra, podem ser usados certos tipos de letra, que servem para destacar determinados conteúdos. Há, por exemplo, o tipo *grifo* (letra *inclinada*), o *negrito* (letra mais *grossa*), e o *negrito grifo* (letra *inclinada* e mais *grossa*).

A Ideologia no Livro Didático

O livro didático é, sem dúvida, um veículo que reproduz uma visão de mundo, de realidade de uma determinada classe. Mas não estará ele, sozinho, arcando com a responsabilidade de ser o transmissor da ideologia da classe dominante? E a escola? E o professor? Também não estaria ele alheio, intencionalmente ou não, a toda essa situação?

Mas o livro didático está aí e não se pode jogá-lo fora. Não se pode continuar transmitindo ao aluno apenas a ideologia da classe dominante.

Ao trabalhar com esse livro, cabe ao educador conhecer seu conteúdo e usá-lo de outra forma na sua luta do dia-a-dia. É, pois, papel

do educador, junto aos alunos, extrair as informações de modo produtivo, para que lhes seja possível reconhecer sua experiência de vida e, gradativamente, refletir sobre a contradição entre ela e o discurso do livro. É fazer deste livro um instrumento para que o grupo perceba a realidade com criticidade.

O que não se pode é ficar de braços cruzados, esperando a mudança da política de produção do livro didático.

Alternativas existem. Compete ao educador refletir sobre elas; propor outras. Compete ao educador tornar cada vez mais eficaz o processo ensino-aprendizagem.

Recomendações Gerais

- O material a ser produzido deve ser *o mais simples possível, coerente com a realidade do país.*

O mais importante não é produzir um material bonito e atraente, e sim algo que possa falar de muito perto ao homem a quem se destina, nascer com ele, provocá-lo, colocá-lo no centro das discussões.

O material, *de maneira direta*, deverá levá-lo, a todo momento, a se fazer e a responder a perguntas, como:

- O quê?
- Por quê?
- Como?
- Para quê?
- De que outro(s) modo(s)?

As verdades precisam ser postas a descoberto a todo instante e determinar uma realidade mais consciente e melhor para todos.

- O material deve ser elaborado de tal maneira, que só se complete com a participação do educando.

Para isso, grande ênfase deve ser dada à *pergunta, à proposta de discussão, à atividade que exija muito do participante.*

O material, portanto, afirmará pouco e perguntará muito. Terá vazios a serem (ou não) completados, lacunas a serem preenchidas, espaços para opiniões e soluções de problemas apontados.

- Que não se produza tantos materiais para um mesmo projeto.
- Ele precisa ser o mais *motivador, interessante* possível. Tem de *unir o útil ao agradável.*

- Falar do que o homem gosta, sem deixar de dizer o que o homem precisa saber.

- A linguagem, mesmo didática, não precisa ser sisuda. Pode ser leve e plena de sugestão. Tem que ser estimulante, se quiser estimular.

O texto precisa funcionar mais pelo episódio, pela história, pelo fato particular, do que pelas excessivas generalizações que dizem tudo, mas não fazem *sentir* nada.

- O material deve ser uma *soma de tendências* e não simplesmente uma obra a mais em vasta bibliografia.

Por isso, *é bom que seja examinado pelo maior número possível de pessoas habilitadas para tal exame, antes de ser aplicado.*

Um material de educação efetivamente popular, visando levar o homem ao mais alto grau possível de conscientização individual, social e política.

Bibliografia

FUNDAÇÃO MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO. *Produção regionalizada de material didático para programas de educação de jovens e adultos*. Rio de Janeiro, 1984. n. p.

RABAÇA, Carlos Alberto & BARBOSA, Gustavo. *Dicionário de Comunicação*. Rio de Janeiro, Codecri, 1976. 498p.

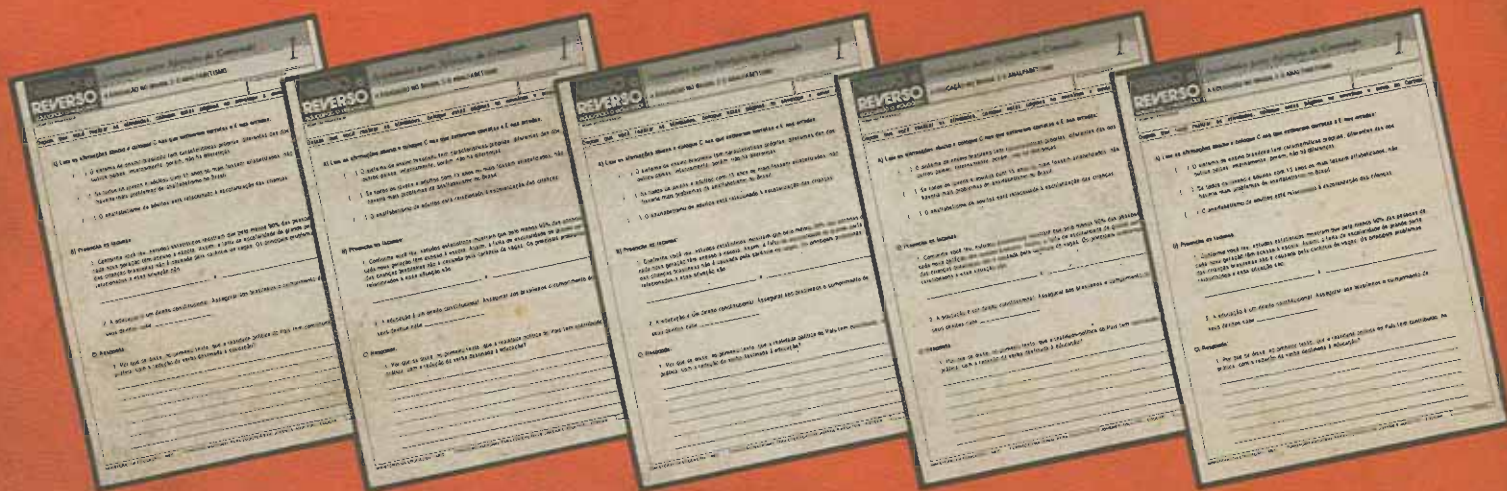
ROBREDO, Jaime. *Manual de editoração*. ABDF, 1981. 158p.

SILVA, Teresa Roserly N. da. O livro didático: reflexões sobre critérios de seleção e utilização. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo. (44): 98-101, fev. 1983.

VENEZUELA. Ministério de Educación. Dirección de Educación de Adultos. *Algunas consideraciones sobre la elaboración de materiales de lectura para neolectores*. Caracas, 1983. 17p.

Um dos grandes problemas do ensino por correspondência é o não- envio das respostas dos participantes dos cursos.

Vamos mudar essa
situação!



Envie suas atividades respondidas, junto
com a ficha de avaliação da Unidade.